

**A Biblioteconomia brasileira na década de 1970:
um olhar discursivo a partir dos artigos publicados na
*Revista de Biblioteconomia de Brasília***

Gabrielle Francinne de S. C. Tanus
gfrancinne@gmail.com

Rita de Cássia Gomes de Oliveira
rita_cassia300186@hotmail.com

Diandra Santiago de Araujo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciência da Informação, Natal,
RN, Brasil
diandra.santiago.araujo@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.2022.41281>

Recebido/Recibido/Received: 2021-12-18

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2022-09-08

ARTIGOS

Resumo

A Biblioteconomia é um dos campos científicos das Ciências Sociais que apresenta uma extensa trajetória profissional e acadêmica. São diversas as possibilidades de se estudar a epistemologia de um campo. Aqui, nosso foco são os discursos oriundos dos artigos científicos publicados na *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, que teve seu primeiro número em 1973. O recorte para a análise dos artigos foi a década de 1970 e concentrou os artigos que possibilitaram discutir sobre duas categorias: biblioteca e bibliotecário. A pesquisa é considerada exploratória, de cunho bibliográfico, cujo método empregado foi a da análise de conteúdo que possibilitou operacionalizar três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. De modo geral, os discursos dos 27 artigos analisados abordaram a importância das bibliotecas, em especial, das bibliotecas públicas, do ensino da Biblioteconomia e da atuação do profissional. Além disso, abordaram a insuficiência de profissionais bibliotecários para execução do projeto de expansão das bibliotecas brasileiras, estas que são indispensáveis para o desenvolvimento econômico e social do país. Esses artigos, publicados dentro do contexto da ditadura civil-militar de 1964-1985, não fizeram qualquer menção a esse acontecimento histórico.

Palavras-chaves: Epistemologia. Análise de conteúdo. Revista de Biblioteconomia de Brasília. Biblioteconomia.

La Bibliotecología brasileña en los 70: una vista del discurso de los artículos publicados en la *Revista de Biblioteconomia de Brasilia*

Resumen:

La Bibliotecología es uno de los campos científicos de las Ciencias Sociales que cuenta con una dilatada trayectoria profesional y académica. Hay varias posibilidades para estudiar la epistemología de un campo. Aquí, nuestro foco son los discursos de los artículos científicos publicados en la *Revista de Biblioteconomia de Brasilia*, que tuvo su primer número en 1973. El foco para el análisis de los artículos fue la década de 1970 y concentró los artículos que permitieron discutir dos categorías: biblioteca y bibliotecario. La investigación se considera exploratoria, de carácter bibliográfico, cuyo método utilizado fue el análisis de contenido, que permitió operacionalizar tres fases: preanálisis, exploración de materiales y tratamiento de resultados. En general, las intervenciones de los 27 artículos analizados abordaron la importancia de

las bibliotecas, en particular, las bibliotecas públicas, la enseñanza de la Bibliotecología y el papel de los profesionales. Además, abordaron la insuficiencia de bibliotecarios profesionales para llevar a cabo el proyecto de ampliación de las bibliotecas brasileñas, fundamentales para el desarrollo económico y social del país. Estos artículos, publicados en el contexto de la dictadura cívico-militar 1964-1985, no hicieron mención a este hecho histórico.

Palabras clave: Epistemología. Análisis de contenido. Revista de Bibliotecología de Brasilia. Bibliotecología.

Brazilian library science in the decade of 1970: adiscursive analysis of the articles published in the *Revista de Biblioteconomia de Brasília*

Abstract:

Librarianship is one of the scientific fields of Social Sciences that has an extensive trajectory professional and academic. There are several study possibilities, including the study of the epistemology of a field, and our focus is the discourses from the scientific articles published in the *Revista de Biblioteconomia de Brasília* (Journal of Librarianship of Brasília), which had its first issue in 1973. The focus for analysis was of articles published in the decade of 1970 and concentrated on articles that allowed discussion of two categories: library and librarian. The research is considered exploratory of a bibliographic nature, having as a method the content analysis that enabled the operationalization of three phases: pre-analysis; exploration of the material; treatment of results. In general, the speeches of the 27 articles analyzed addressed the importance of libraries, in particular, public libraries, the teaching of Library Science and the role of professionals. Furthermore, they addressed the insufficiency of professional librarians to carry out the project to expand Brazilian libraries, which are essential for the country's economic and social development. Such articles published within the context of the civil-military dictatorship 1964-1985 made no mention of this historic event.

Keywords: Epistemology. Content analysis. Journal of Librarianship of Brasília. Librarianship.

1 Caminhos da consolidação da Biblioteconomia

A institucionalização da Biblioteconomia, a partir do ensino e da pesquisa, está associada à criação dos cursos de formação, da pós-graduação, das publicações acadêmicas diversas etc. Além da produção de pesquisas, são indispensáveis a circulação, a comunicação e a divulgação do conhecimento produzido. Um dos canais formais é o periódico científico. Não vamos nos ater à trajetória da Biblioteconomia que, inclusive, apresenta uma literatura sobreisso. O objetivo principal do projeto é de focalizar os discursos produzidos e publicados nas revistas acadêmicas. Por sua vez, a história dos periódicos também interessa à Biblioteconomia e à Ciência da Informação. A área também comporta uma senda particular marcada nas últimas décadas pelo crescimento de títulos de periódicos e de artigos publicados.

Antes, porém, do crescimento dos periódicos especializados na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, convém destacar a importância das publicações da *Revista do Serviço Público* vinculado ao Departamento Administrativo de São Paulo (DASP) e dos boletins informativos que faziam circular as ideias biblioteconômicas, como, por exemplo, o *Boletim Informativo do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação* (IBBD), o *Boletim Informativo da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições* (FEBAB), criado na década de 1960, e o *Boletim da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal* (ABDF), cuja primeira publicação foi em 1970.

O periódico é um dos caminhos por meio do qual se podem empreender estudos de natureza histórica e epistemológica e que atesta um momento ou um conjunto de ideias. Também é um canal de comunicação científica formal entre os pares. Assim, como objeto de estudo para esta pesquisa, foi selecionada a *Revista de Biblioteconomia de Brasília* (RBB), lançada em 1973, em Brasília, e publicada até 2001. A RBB manteve uma rigorosa política de avaliação em toda a sua trajetória, publicando trabalhos que mantêm altos índices de citação, não só na área de Biblioteconomia como também da Ciência da Informação, da Arquivologia e áreas afins. Todos os artigos encontram-se digitalizados e indexados em bases nacionais e internacionais. Esse periódico foi o terceiro criado no país, no que se refere à Biblioteconomia e à Ciência da Informação. Os primeiros periódicos criados no ano de 1972 foram a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG* (desde 1996, intitulada *Perspectivas em Ciência da Informação*) e o periódico *Ciência da Informação*, vinculado ao antigo Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD, desde 1976, IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) (SOUZA, 2009).

Na década de 1970, foi criada também a *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (1973-vigente), vinculada à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), e a *Revista do Departamento de Biblioteconomia e História* (1978-1983), vinculada à Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Desde então, diversas são as revistas nacionais e internacionais que contemplam a produção acadêmica dos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Em pesquisa recente (maio de 2021), na plataforma Sucupira, na área de ‘Comunicação e Informação’, a que esses campos estão vinculados, foram recuperados 1.804 periódicos. Esse crescimento tardio das publicações se devia a uma limitação do ensino da Biblioteconomia mais voltada para o fazer interno e a técnica do que para o pensamento e a pesquisa, conforme expõe Souza (2009, p. 117):

No Brasil, somente na década de 1970 foi que surgiu um conjunto de revistas especializadas em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Esse aparecimento tardio de revistas na área foi decorrente da pouca reflexão teórica que se fazia sobre os temas da profissão, assim como da ausência da pesquisa acadêmica nas décadas anteriores.

A partir daquela década, os periódicos passaram a ser um espaço fecundo da comunidade científica para publicar suas ideias e pesquisas em torno da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Em 1970, foi criado, no âmbito do Mestrado, o primeiro Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação, pelo então IBBD; em 1976, foi criado o Curso de Mestrado em Biblioteconomia, na Escola de Biblioteconomia (desde 2001, Escola de

Ciência da Informação, em Belo Horizonte, MG); também em 1976, foi criado o Mestrado em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; em março de 1978, o Mestrado em Biblioteconomia e Documentação da Universidade de Brasília; também nesse mesmo ano, foi criado o Mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (SOUZA, 2009). Na década de 2000, esses Programas de Mestrado em Biblioteconomia passaram a ser chamados de Ciência da Informação, demonstrando a forte influência epistemológica e institucional sobre a Biblioteconomia, o que trouxe pontos positivos e negativos dentro de uma clara relação de saber-poder entre os campos.

Com essa infraestrutura em desenvolvimento no território brasileiro quanto ao ensino e à pesquisa, decerto, não sem críticas, foi que se abriu efetivamente uma seara promissora dos estudos em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Assim, compreender a epistemologia de um campo científico requer a análise dos discursos. Esse movimento pode ser encontrado em pesquisas que focalizaram essa materialidade discursiva, como, por exemplo, nos trabalhos de anais da Reunião Brasileira de Ciência da Informação (MARQUES; SALDANHA, 2018), nos artigos publicados em periódicos (XAVIER, *et al.*, 2019, SILVA; ELIAS JUNIOR, 2020), em livros na íntegra (TANUS, 2016), em documentos diversos (ARDUINI; PERROTTI, 2017), entre muitas outras pesquisas. Os artigos de periódicos também são fontes de pesquisa para os estudos que visam compreender a institucionalização, como o de Shikida (2012), que objetivou investigar e identificar historicamente a institucionalização da Ciência da Informação a partir da análise bibliométrica e arqueológica do periódico *Ciência da Informação*, do IBICT.

Não poderíamos deixar de citar a importância dos eventos técnicos e científicos para construir e consolidar o pensamento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, com destaque para a Documentação que, na primeira metade do Século XX, esteve muito presente nos discursos e nas práticas profissionais. Assim, o primeiro evento – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (em 1954, no Recife) – ocorreu na década de 1950, e, depois foi intitulado de Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD). Atualmente, é chamado de Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, que, em 2022 terá sua 29ª edição. Souza (2009) afirma que foi na década de 1970 que os eventos científicos temáticos especializados passaram a fazer parte de uma agenda da área, como, por exemplo, o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), cuja primeira edição foi em 1978 (na 21ª edição, em 2021). Outro evento com primeira edição em 1972 e que é realizado regularmente é o Encontro Nacional de Estudante de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), atualmente, intitulado Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação (ENEBD), em sua 43ª edição em 2021, com o tema ‘A Revolução na Informação: espaços, incidência e atuação’.

Como já dito, nosso foco foram os artigos publicados em periódicos, que são importantes fontes de informação. Em particular, neste trabalho, nosso objetivo geral é o de analisar os discursos de autoras e autores brasileiros publicados na *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, especificamente, acerca de bibliotecas e do bibliotecário, ao longo da década de 1970. Selecionamos essa década porque ela constitui a primeira década de publicação científica em periódicos, e a revista supracitada é o terceiro periódico criado, antes mesmo de ter sido instituído o Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia de Brasília, que ocorreu no âmbito do Mestrado, em 1978, e do Doutorado, em 1992. Conhecer e compreender essas duas categorias - biblioteca e bibliotecário - é imprescindível para a Biblioteconomia porque elas são o centro de seu campo científico. As categorias “[...] são consideradas determinações da realidade e, em segundo lugar, noções que servem para indagar e para compreender a própria realidade” (ABBAGNANO, 2000, p. 12) e que, obviamente, não são as únicas possibilidades de reflexão e de problematização, mas são uma das principais e intimamente relacionadas à construção teórica do campo da Biblioteconomia.

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, tem como enfoque a análise dos discursos oriundos dos artigos publicados na *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, durante a década de 1970. Esse momento foi selecionado intencionalmente, tendo em vista a construção da Biblioteconomia brasileira a partir da criação dos primeiros periódicos e, conseqüentemente, da publicação dos primeiros artigos acadêmicos. Neste texto, concentramo-nos em duas importantes categorias para a Biblioteconomia - a biblioteca e o bibliotecário - com vistas a entender ambas, e a própria Biblioteconomia. Para empreender tal processo exploratório, que consiste em desvelar um assunto complexo, foi necessário mobilizar a pesquisa bibliográfica a partir dos artigos científicos, conformando a classificação deste trabalho a partir de seu objetivo, que vai ao encontro da pesquisa exploratória e bibliográfica (GIL, 2002).

O método adotado para o desenvolvimento desta pesquisa foi o de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), que envolve três fases: 1) a de pré-análise; 2) a de exploração do material, categorização ou codificação; 3) e a do tratamento dos resultados, das inferências e da interpretação. Detalhadamente, foram realizados os seguintes processos: identificação de todos os artigos publicados na *Revista de Biblioteconomia de Brasília* durante a década de 1970; seleção dos artigos com potencial de análise, isto é, voltados para a discussão acerca das bibliotecas e dos bibliotecários; leitura na íntegra dos artigos selecionados; produção dos fichamentos dos artigos selecionados e produção do texto final. Para produzir o artigo, discutimos sobre duas categorias definidas *a priori*: biblioteca e bibliotecários, que

consideramos centrais para a construção da Biblioteconomia que, obviamente, envolve outras tantas categorias que poderiam ser analisadas, mas, neste caso, as duas são indissociáveis do processo histórico e epistemológico daquele campo científico. Portanto, nosso objetivo específico foi de verticalizar essas leituras que versam, em alguma medida, sobre essas categorias.

É mister dizer que, durante a década de 1970, foram publicados na *Revista de Biblioteconomia de Brasília* sete volumes, semestralmente, portanto, 14 fascículos e 172 artigos. Para analisar o conteúdo, foram selecionados 27 artigos de autores e autoras brasileiros/as (ver Apêndice). Depois de ler cada um, procedemos à análise textual, conforme disposto nas seções a seguir. Interessante destacar que os artigos publicados apresentam, em média, dez páginas e um conjunto de referências quantitativamente menor, em relação às publicações da nossa década, que são mais extensas e com mais referências. Contudo não pretendemos comparar a qualidade e o teor dessas publicações.

4 Análise dos resultados

Serão apresentadas a seguir as duas categorias escolhidas intencionalmente para a realização da análise de conteúdo.

4.1 Sobre bibliotecas

Os artigos analisados abarcaram as discussões a respeito de alguns tipos de bibliotecas (especializada ou centros de documentação, biblioteca nacional, biblioteca universitária, biblioteca escolar e biblioteca pública). As bibliotecas públicas são as mais abordadas, com destaque para os autores Antônio Miranda (1978, 1979), Antônio Agenor Briquet de Lemos (1977), Ferdinando Bastos de Souza (1977) e Emir Suaiden (1978). Já as bibliotecas universitárias foram pesquisadas por Antônio Agenor Briquet de Lemos e Vera Amália Amarante Macedo (1974), Etelvina Lima (1977), Maria Luísa Monteiro da Cunha (1977) e Nice Figueiredo (1979). As bibliotecas escolares são centrais nos artigos das autoras Inácia Rodrigues dos Santos (1973) e Carminda Nogueira de Castro Ferreira (1977). A biblioteca nacional é abordada em um único artigo, o de Janice Monte-Mór (1977), que destaca o papel dessa instituição de cultura, de memória e de desenvolvimento que apoia as pesquisas científicas.

Um aspecto interessante a destacar foi que encontramos outras designações para as bibliotecas, como, por exemplo, as bibliotecas públicas também são chamadas de “célula viva”, “centro de informação”, “complexos culturais” (MIRANDA, 1978); as bibliotecas universitárias, de “centro propulsor de informação” (CUNHA, 1977), “instrumento de aprendizagem”, “multicentros de informação” (LIMA, 1977), “instrumento dinâmico de ensino”

(LEMOS; MACEDO, 1974); as bibliotecas escolares são vistas como “laboratório de ensino”, “centro de documentação”, “centro de informação e cultura” (SANTOS, 1973); e a biblioteca nacional, como “casa de cultura” (MONTE-MÓR, 1977). Constantemente se buscam ampliar as concepções de biblioteca pois, segundo os autores para além da ideia de “depósito de livros”, a informação e os registros que as bibliotecas comportam devem possibilitar o acesso à comunidade. Embora fiquem claros os esforços para que haja uma mudança no plano teórico, na realidade, no tocante às bibliotecas escolares elas ainda não são reconhecidas em sua totalidade:

Do ponto de vista pedagógico, a biblioteca escolar não alcançou ainda o seu lugar ao sol. Ainda não foi incorporada às atenções primordiais do corpo docente. Continua sendo qualquer coisa de marginal ao ensino, uma distração para as horas de folga e para o fim de semana – ‘um serviço vago da boa leitura’ (SANTOS, 1973, p. 147).

É importante ressaltar que a documentação, a informação e a comunidade são constantes quando se aborda a concepção de biblioteca. As bibliotecas são espaços de “[...] processamento e de utilização dos mais diversos tipos de documentos e recursos audiovisuais” (SANTOS, 1973, p. 145). Para Farinas (1973, p. 141), a “biblioteca (considerada em seu sentido mais amplo) é o meio fundamental para se organizar e colocar à disposição de todos a informação, possibilitando a cada um a oportunidade de aproveitar a experiência alheia num sistema recíproco e desempenhando um papel decisivo no processo de desenvolvimento”. Nenhuma biblioteca é igual à outra. Miranda (1978, p. 69) refere que “A biblioteca é um fenômeno histórico em regime de mútua e permanente influência (interação) com o meio-ambiente [...]”. Particularmente, a biblioteca pública “converte-se em veículo de integração nacional, e a leitura é um forte instrumento para a nossa independência cultural”, que possibilita “ao indivíduo a oportunidade de se informar, de se instruir e de se distrair” (MIRANDA, 1978, p. 71).

Ainda sobre a biblioteca pública, os autores afirmam que “a biblioteca pública deve assumir, perante a população urbana e a rural, o papel de polo natural e gerador de cultura. Seus recursos gráficos devem ser múltiplos e sua capacidade de atuação deve atingir todas as camadas da população” (VERRI; NEVES, 1977, p. 375). A relevância da discussão sobre a biblioteca pública é destacada veementemente por Barroso (1973), que chama a atenção para o tema que, às vezes, é negligenciado na área e nos eventos, o que pode resultar não na independência da Biblioteconomia, mas em sua morte, ao negligenciar a discussão sobre as bibliotecas. As bibliotecas públicas estaduais e municipais são instituições estratégicas para o acesso à leitura e ao desenvolvimento individual e do país. É comum a concepção de biblioteca

atrelada ao desenvolvimento social, econômico e cultural do país que, na época, era considerado de 'Terceiro Mundo'.

A referência ao Brasil como um país em desenvolvimento é frequente nos artigos analisados, os quais destacam os livros e as bibliotecas como caminhos para a mudança da realidade brasileira, que é carente de bibliotecas públicas e escolares, livrarias, e tem elevados índices de analfabetismo, baixos índices de leitores e elevadas desigualdades sociais e econômicas. A indústria editorial brasileira também é sinalizada como um importante mecanismo de produção e distribuição de livros que, em conjunto com as bibliotecas, pode contribuir para que o livro chegue às mãos dos leitores (SOUZA, 1977), porquanto o livro é um instrumento civilizatório (FONSECA, 1974; LIMA, 1977). A carência de bibliotecas é apontada recorrentemente pelos autores, inclusive a deficiência de bibliotecas escolares e públicas no país e no Rio de Janeiro, onde se localiza a Biblioteca Nacional, o que compromete seu funcionamento. Por causa disso, a BN tem que desviar seu papel de atender a consulentes de nível superior, sensíveis ao acervo, para atender às demandas que poderiam ser da competência daquelas bibliotecas como, por exemplo, a leitura de um verbete de enciclopédia ou a reprodução do retrato de uma figura histórica (MONTE-MÓR, 1977).

O descaso e o desconhecimento sobre a importância das bibliotecas também são sinalizados, desde a incompreensão da biblioteca escolar pelos gestores até as bibliotecas universitárias que estão localizadas dentro das Universidades, as quais estavam passando por um momento de Reforma.

No Brasil, conforme a lei da reforma universitária de 1968, as funções das universidades brasileiras deveriam desenvolver-se através das atividades de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão. Constata-se, no entanto, como já o fizeram outros autores, que nesta Lei 5.540/68 que tratou da reforma do ensino superior, não foi feita nenhuma alusão às bibliotecas, o papel, objetivos, etc. que teriam a desempenhar junto às universidades, ou como suporte ao ensino superior no país (FIGUEIREDO, 1979, p. 19).

Foi nesse contexto da década de 1970, que a Lei 5692/1971, conhecida pela reforma do ensino de 1º e 2º graus, tornou obrigatória a pesquisa sem sequer mencionar a biblioteca escolar, o que levou a uma demanda das bibliotecas públicas (SUAIDEN, 1978). No tocante às bibliotecas universitárias, encontram-se em vias de construção e consolidação, aproveitando para reforçar seu papel educacional:

[...] o papel fundamental que a biblioteca desempenha é de tipo educacional. Ela não deve funcionar como um simples depósito de livros ligado a uma sala de leitura, mas como um instrumento dinâmico de ensino. Deve alimentar o intelecto do estudante, estimular as pesquisas do corpo docente e convidar todos os que se acham sob seu teto a compartilhar integralmente de seu alimento cultural. Nesse contexto, a utilização da biblioteca torna-se um método de ensino, ocupando seu lugar ao lado da venerada aula expositiva e

da discussão em grupo. O bibliotecário atua como um professor, orientando o estudante nos caminhos da investigação e da pesquisa, e a biblioteca atende de forma ativa às necessidades de ensino e pesquisa do corpo docente (LEMOS; MACEDO, 1974, p. 168).

Os discursos das bibliotecas universitárias estão fortemente atrelados ao desenvolvimento do país, por meio do ensino e da pesquisa, com a intensificação da informação científica – termo empregado com mais frequência:

Pelas suas funções de ensino e pesquisa em alto nível, as Universidades são os verdadeiros centros propulsores do progresso científico e tecnológico indispensável ao atendimento das necessidades de uma época cujo ritmo de desenvolvimento atingiu proporções inimagináveis, e dia a dia mais imprevisíveis. A biblioteca universitária tem, incontestavelmente, papel fundamental na transferência da informação científica (CUNHA, 1977, p. 863).

O papel da biblioteca de contribuir com a ciência é outro assunto bastante tratado nos artigos analisados. Em um dos trabalhos, Monte-Mór (1977) apresentou as atividades realizadas pela Biblioteca Nacional e como ela estava contribuindo com a pesquisa brasileira. Nos resultados, foi capaz de observar a investigação histórica dos documentos, os estudos de interesse dos usuários, a automação dos serviços e, até mesmo, um projeto de pesquisa, até então inédito no Brasil, que envolvia a preservação e a restauração do acervo. Essa cooperação nacional e internacional destacada no âmbito da pesquisa é fundamental para que a biblioteca nacional e outras bibliotecas cumpram sua missão. O desenvolvimento de um sistema de rede de bibliotecas é uma constante com vistas a otimizar os recursos econômicos e humanos. Assim, a cooperação é uma tônica acentuada nos artigos ora analisados.

Nice Figueiredo (1979) destaca também a importância da cooperação entre as bibliotecas universitárias e especializadas para melhor suprir a demanda de informação. A cooperação é então da ordem do planejamento e funcionamento entre elas e entre as universidades (LEMOS; MACEDO, 1974), como também com o Sistema Nacional de Informação Bibliográfica, entre os bibliotecários, entre os processos técnicos de catalogação e bibliografias; da ordem de eficiência dos recursos financeiros, humanos de políticas de informação que poderiam então conformar “sistemas de bibliotecas e redes de informação”, visando atingir a plenitude e a participação eficaz (CUNHA, 1977). Outra iniciativa interessante é a cooperação entre o Laboratório de ensino e a biblioteca, isto é, do professor com o bibliotecário, com vistas a desenvolver a aprendizagem dos estudantes a partir do enriquecimento individual e do acesso a diversos recursos de informação (RENDWANSKI; MENONI; NICKLAS, 1977).

A literatura acadêmica desse momento demonstra o esforço em estabelecer uma visão da biblioteca voltada para o atendimento da comunidade (de modo ampliado), da população

urbana e da rural, por meio também de acervos e serviços diversificados. Fica claro que a biblioteca não é um espaço centralizado nos livros, mas nas pessoas e em suas necessidades, o que quebra a visão de que os autores não falavam das bibliotecas abertas e vivas, nem dos centros de cultura e informação da década de 1970. Os esforços e os desafios são muitos e se sobressaem à vontade em construção e ao funcionamento das bibliotecas escolares e públicas em rede, em sistema, em cooperação. As bibliotecas universitárias apresentam também a dimensão integrativa e sistêmica da cooperação e se concentram em demonstrar sua importância para o avanço científico e tecnológico do país. Sob o ponto de vista dos autores, um dos caminhos para a saída do subdesenvolvimento que o país se encontrava seria a atuação efetiva das bibliotecas na vida das pessoas por meio do acesso à cultura, à educação, à informação e à leitura.

4.2 Sobre o/a bibliotecário/a

O emblemático artigo ‘Sobre Biblioteconomia’, de Vera Helena Pimentel Farinas (1973), apresenta uma abordagem acerca da posição/atuação do/a bibliotecário/a na sociedade brasileira. A autora deixa evidente que é de fundamental importância conscientizar o bibliotecário a respeito do desenvolvimento socioeconômico brasileiro, levando em consideração o contexto e a disseminação da informação. Porém, o que se vê é uma postura desinteressada do bibliotecário em relação à sua profissão, como se não desse importância à profissão em que atua, pois se isola, não acompanha o desenvolvimento, distancia-se da realidade e dos fundamentos teóricos e se omite da atuação no contexto nacional, como se não conhecesse sua função social na sociedade.

Farinas (1973) acrescenta que essa posição do profissional bibliotecário se justifica devido aos problemas enfrentados na Biblioteconomia brasileira, cujo ensino, muitas vezes, distancia-se da realidade, porquanto adota uma orientação tecnicista e direciona as atividades para uma área eletrônica e cibernética.

O bibliotecário brasileiro trabalha na biblioteca sem contudo exercer efetivamente sua profissão; ele desenvolve e aperfeiçoa técnicas, mas permanece isolado do processo histórico brasileiro, omitindo-se de uma atuação no contexto nacional. (FARINAS, 1973, p. 143)

Cunha (1974, p. 18), que também compartilha do mesmo pensamento sobre a posição assumida pelo profissional bibliotecário como alguém desinteressado por sua profissão, assevera que “o bibliotecário é um agente social por excelência, mas que, na realidade nacional, não está agindo como tal [...]”. Apesar de existirem esforços para mudar a situação do bibliotecário, falta ao profissional o seu autoconhecimento, que, segundo Farinas (1973, p. 142),

precisater consciência do que são, para que existem e qual papel desempenham na sociedade. Nessa mesma direção de chamar a atenção para a responsabilidade social do bibliotecário, encontramos:

Bibliotecário é um agente social por excelência que, para atingir os seus objetivos, deve se valer de sua formação técnica como um meio, mas que na realidade nacional, contudo, não está agindo como tal por deficiências decorrentes de condições concretas e desfavoráveis. (BARROSO, 1973, p. 116).

Segundo Cunha (1974, p. 18), raros são os trabalhos sobre Biblioteconomia em que o/a autor/a se preocupa com as implicações teóricas e sociais da profissão e suas interfaces com o atual ritmo de desenvolvimento econômico que o país atravessa. Ainda segundo o autor, os profissionais e suas instituições pouco colaboram para que o bibliotecário adquira um conhecimento mais profundo. Sabe-se que, num país em desenvolvimento e com o estabelecimento tardio do ensino universitário, há uma escassez de profissionais nas diversas áreas do conhecimento e na Biblioteconomia não é diferente. Barroso (1973, p. 110) refere que faltam bibliotecários e recursos humanos e capacitados para executar as tarefas da biblioteca. Para ela, "uma biblioteca, por menor que seja, não prescinde de quem saiba catalogar livros, preservá-los, imaginar meios dinâmicos de circulação". Fica patente o esforço na luta por mais bibliotecas e mais bibliotecários conscientes de seu papel social para além do saber técnico devotado às questões da organização.

Sobre a falta de profissionais, são vários os discursos que se aproximam no que diz respeito ao quantitativo de profissionais. Contudo, o simples aumento do número de profissionais não garante a consolidação da classe, a não ser que esse aumento seja complementado qualitativamente, levando a um aperfeiçoamento na prestação de serviços. Cunha (1974, p. 23) assevera que precisamos de mais e melhores bibliotecários preparados para enfrentar a realidade brasileira, com suas diferenças regionais e suas várias oportunidades profissionais. "Daí a grande responsabilidade de nossas vinte escolas de Biblioteconomia, no sentido de formar um profissional conscientizado de sua importância social e obrigações para com a comunidade a que pretende servir" (CUNHA, 1974, p. 23).

Em seu discurso, Suaiden (1978, p. 79) também compartilha da afirmativa de que faltam recursos humanos (bibliotecários) no Brasil, principalmente no interior do país, "pois, apesar de existirem diversas escolas de Biblioteconomia, os bibliotecários preferem permanecer nas grandes cidades, onde recebem boa remuneração e gozam de melhores condições de aperfeiçoamento". Maria Alice Barroso (1973) e Antônio Miranda (1978, 1979) também mencionam a concentração de bibliotecários mais nas capitais do que no interior, o que dificulta o estabelecimento de um sistema de bibliotecas públicas e a própria integração nacional. Os

bibliotecários, em número insuficiente para o projeto de interiorização, concentravam-se nas capitais com os melhores salários, o que garantia certo status ao lado de leitores bem-vestidos, em vez de atender às comunidades afastadas (MIRANDA, 1978). Esse autor enuncia que essa ideologia que motiva bibliotecários é tipicamente da classe média e que

Alguns bibliotecários continuam sonhando com um ingênuo desejo de status e prestígio institucional - com leitores eruditos e bem vestidos, quando deveriam rejubilar-se com a visita acanhada do lavrador maltrapilho querendo saber os segredos da cultura do milho ou com a ama de casa humilde que indaga sobre princípios de puericultura. (MIRANDA, 1978, p. 70)

Devido à necessidade de melhores bibliotecários, conscientes de seu papel social, novamente se reitera a importância de extrapolar a técnica. Sobre isso, Souza (1977, p. 96) afirma: “Creio não haver discrepância de opiniões, ao se afirmar que o bibliotecário de uma biblioteca pública é, também, um animador cultural da comunidade a que serve”. Para além da técnica como um fim, reside a centralidade social da profissão ao se voltar para as pessoas, para o atendimento, o acesso, o acolhimento e a prestação de serviços mais do que a mera oferta de acervos organizados:

Os diretores ou chefes ou mesmo os encarregados de bibliotecas não podem estar devotados às tarefas técnicas de organização do acervo, mas à sua promoção, vale dizer, em contato permanente com os usuários e com as forças vivas das próprias municipalidades (MIRANDA, 1979, p. 233).

Seguindo o pensamento de Figueiredo (1979), quando se fala da necessidade de profissionais de alto nível, Lima (1977, p. 851) alega que não se trata de contestar a competência do bibliotecário brasileiro, notadamente, no campo da aplicação técnica de conhecimentos para organizar coleções. O que está em questão é que, devido ao número reduzido de profissionais numa biblioteca universitária e à sobrecarga de trabalho, os bibliotecários não dão a atenção necessária aos serviços que estão sendo oferecidos. Maria Luísa Monteiro da Cunha (1977, p. 866) ressalta que, por causa do avanço das novas tecnologias, da automação e dos computadores, os bibliotecários devem se manter atualizados por meio “[...] de cursos de aperfeiçoamento frequentes e de alto nível, a fim de não ficarem marginalizados nesta época de verdadeiro domínio eletrônico. A autora acrescenta que

precisamos não só de literatura análoga, em larga escala, como também da promoção de seminários, mesas redondas e encontros frequentes que permitam o diálogo entre os bibliotecários e os administradores de universidades ou de órgãos governamentais ou privados que tenham sob o seu controle financeiro e administrativo as bibliotecas e outros serviços de informação (CUNHA, 1977, p. 872).

Sob o ponto de vista de Figueiredo (1979), as bibliotecas universitárias e as especializadas precisam de profissionais mais bem qualificados. Segundo a autora, [...] há necessidade de pessoal de alto nível, a fim de poder existir uma oportunidade de comunicação entre os usuários e aqueles que pretendem ser os intérpretes da coleção, a fim de que ela possa ser utilizada de maneira eficiente (FIGUEIREDO, 1979, p. 10). No âmbito da biblioteca universitária, encontramos, ainda, a defesa do papel educacional que o bibliotecário deve desempenhar nas instituições de ensino, e a importância de integrar a biblioteca ao ensino, com vistas a melhorar sua qualidade e aproveitar o ensino e a aprendizagem dos alunos (REDWANSKI; MENONI; NICKLAS, 1977, p. 914).

No âmbito da biblioteca escolar, Ferreira (1977, p. 709) afirma que a presença do bibliotecário na escola é tão necessária quanto a do professor, visto que sua presença poderá contribuir para melhorar a qualidade dos serviços oferecidos pela biblioteca escolar, já que é um profissional com qualidades e aptidões para desenvolver atividades que competem à sua profissão que já era negligenciada pelo governo. O bibliotecário é um

profissional que, durante três ou quatro anos, cursou uma escola de nível superior, fez estudos referentes aos fenômenos culturais, sociológicos, científicos e artísticos em geral e às técnicas especializadas de biblioteconomia e documentação, a esse profissional, altamente capacitado a exercer uma função técnica especializada não se pode continuar negando os direitos que a Lei lhe confere. (FERREIRA, 1977, p. 708)

No âmbito do ensino da Biblioteconomia, segundo Antônio Agenor Briquet de Lemos (1973), a formação de bibliotecários era deficiente, a começar pela exigência do currículo mínimo, de 1962, aprovado pelo Conselho Federal de Educação, pois os Cursos de Graduação em Biblioteconomia traziam uma homogeneidade no ensino e diversos outros problemas. Se, de um lado, essa homogeneidade uniformizava o ensino entre os Cursos de Biblioteconomia, de outro, o currículo mínimo permitia que as escolas acrescentassem outras disciplinas para formar o currículo pleno. Desejava-se incluir, no âmbito da Biblioteconomia, uma nova disciplina: a Documentação e, ao mesmo tempo, tornar obrigatório o ensino de Paleografia.

Além destas duas disciplinas, o currículo mínimo incluía: História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, e Bibliografia e Referência. (LE MOS, 1973, p. 52).

O ensino da Biblioteconomia é criticado por se valorizar a técnica em detrimento de uma discussão mais crítica e social ao contexto e às implicações desse fazer. O predomínio de um ensino técnico aplicado sem que se construa uma base teórica e se integrem os processos é

também apontado por Lemos (1973). Além do fato, das próprias disciplinas culturais serem vagas, conforme o autor sinaliza:

Devido à vagueza das denominações das disciplinas chamadas culturais e também por deficiências da metodologia do ensino, tais disciplinas, em muitos casos, eram apresentadas como apanhados pretensamente enciclopédicos de temas que certamente poderiam ser abordados em função das atividades profissionais do bibliotecário. Parecia que se tentava a valorização profissional do bibliotecário mais por meio da exibição de uma cultura meramente superficial do que pela sua capacidade em reconhecer, avaliar e bem cumprir com os seus objetivos profissionais para com a sociedade. (LEMOS, 1973, p. 53).

Segundo Lemos (1973), no Brasil, não houve qualquer desavença entre bibliotecários e documentalistas como aconteceu em outros países. Nos países subdesenvolvidos, a demanda por informação científica e técnica era compatível com a formação dada aos bibliotecários. A presença da documentação pode ser vista nos textos de Tânia Botelho (1974) e Lelia Cunha (1977), que escrevem sobre a documentação relacionada à ideia de Sistema, e Etelvina Lima (1977, p. 858), que menciona: “Algumas técnicas de documentação deverão ser utilizadas, incluindo serviços regulares e eficientes de pesquisa bibliográfica, realizados na própria biblioteca ou pela utilização dos centros de bibliografia”. Ademais, o problema da limitação qualitativa dos recursos humanos, isto é, de profissionais habilitados para realmente transformar as coleções bibliográficas em fontes de informação para o desenvolvimento das atividades da universidade ainda era um problema nas bibliotecas universitárias (LIMA, 1977), que comprometia a oferta de serviços e um desenvolvimento mais amplo do profissional e da instituição.

Outro autor que se apoia no discurso da explosão bibliográfica, da produção de listas e de um conhecimento erudito e elitista é Edson Nery da Fonseca (1974, 1975), que sinaliza a “cultura erudita” como um traço distintivo do bibliotecário, o qual é responsável pela formação dos acervos de uma biblioteca. O autor expõe que, com tanta produção, é preciso um rigoroso processo de seleção dos acervos que passa pela formação e pelo aprimoramento da cultura do homem (*honnête homme*) para ler bons livros e se ater a obras essenciais para a formação do espírito. Assim, “aos bibliotecários, porém, o que se constitui como verdadeira obrigação moral e dever profissional é a aquisição dos melhores autores e das obras mais representativas, dos textos mais fidedignos e de traduções que não façam jus ao aforismo *traduttori, traditori*” (FONSECA, 1975, p. 20). Essa visão do bibliotecário erudito não ressoa em outros discursos ora analisados, embora outros textos projetem luz ao papel cultural do livro. Portanto, não resta

dúvida que o bibliotecário é muito importante como agente social e cultural, não necessariamente um erudito localizado nessa alta cultura.

5 Considerações finais

Ao fazer o levantamento bibliográfico para a composição no início deste trabalho, percebemos que os estudos bibliométricos aplicados em periódicos científicos (produtividade, citação, autoria, temas, instituições etc.) são mais comuns do que os que visam analisar os discursos dos artigos. Assim, a pesquisa teve como foco a produção textual desses discursos localizados em um momento fecundo para a Biblioteconomia brasileira- a década de 1970. Esse momento foi marcado pela expansão dos cursos de graduação, dos periódicos, dos eventos e de toda uma infraestrutura institucional e cognitiva, com a publicização das ideias de autores e autoras nos periódicos acadêmicos. Em particular, mobilizamos a *Revista de Biblioteconomia de Brasília* (1973-1985), que oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico. Os artigos ora analisados versam sobre diversos temas ligados à Biblioteconomia, porém nos concentramos em analisar a questão das bibliotecas e dos bibliotecários.

É notório o discurso da importância das bibliotecas para o desenvolvimento social e econômico do país e de que mais e melhores bibliotecários devem compor esse projeto nacional. Como forma de resolver, em parte, o problema da falta de profissionais bibliotecários, o Instituto Nacional do Livro (INL) adotou uma política de treinamento de auxiliares de biblioteca, o que causou certo incômodo à classe bibliotecária, que “vê no treinamento de auxiliares um perigo à expansão do mercado de trabalho profissional” (MIRANDA, 1979, p. 231). Essa medida adotada pelo INL foi um paliativo, porque só capacitou auxiliares para as atividades técnicas que seriam realizadas na biblioteca, mas não deu sustentação ao projeto nacional de criação e fortalecimento das bibliotecas públicas.

Durante a década de 1970, foi que se formaram os sistemas estaduais de bibliotecas públicas voltadas para democratizar e popularizar a educação e a cultura (SUAIDEN, 1978). Porém isso não aconteceu em todos os estados brasileiros nem da mesma forma como um sistema e com o apoio dos governos estaduais.

A centralidade na técnica e no fazer esvaziado do contexto social e histórico da realidade brasileira é também uma tônica importante. Um dos focos de questionamento sobre o profissional passa pelo currículo, que assume um espaço de contestação e uma luz para as mudanças. Por outro lado, é preciso registrar que os diversos artigos não apresentam um conceito sistematizado como uma unidade de pensamento bem definida de Biblioteconomia, pois é apresentado mais o entendimento das palavras bibliotecas e bibliotecários, em um

movimento que coloca o leitor em processo de amarração e interpretação. Nos fascículos da década investigada, encontramos a publicação de autores de outras nacionalidades, como, porexemplo: D. J. Foskett, Norman D. Stevens, Daniel Gore, Morris A. Gelfand, P. Havard-Williams, E. M. Broome, Abraham A. Moles, Paul Kaegbein e Peter G. New. Ressaltamos que só duas mulheres - IngetrautDahlberg e Marietta Daniels Shepard - tiveram seus artigos traduzidos do alemão e do inglês, respectivamente.

Voltando à dimensão contextual, fica claro que os sistemas devotados à informação científica passaram a assumir um espaço que vai ao encontro do crescente discurso da necessidade de desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil, que, na época, encontrava-se dentro do contexto da ditadura civil e militar (1964-1985). Nenhum dos artigos mobilizados para a leitura informou sobre o trágico contexto em que a Biblioteconomia e a Sociedade estavam localizadas. Os artigos asseveram que o crescimento do debate acerca da informação científica e tecnológica é sobremaneira importante e citam vários programas nacionais e internacionais de cooperação. Assim, sinalizamos a ocorrência da menção aos programas lançados pela UNESCO, o UNISIST (1971) e o NATIS (1974).

O desenvolvimento científico e tecnológico foi intensificado como uma agenda do governo, que formalizou em, 1974, o Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT). Essa preocupação com a informação especializada, com a ciência e com a tecnologia já ocupava a agenda do então IBBD, mas, que devido à pressão assumiu uma nova sigla, IBICT (Instituto Brasileiro em Ciência e Tecnologia). O papel do governo brasileiro no apoio às atividades científicas, naquele momento, era considerado como insuficiente e caracterizado por imposições do contexto (TARAPANOFF, 1992), assim como nos parece ter ocorrido com a chegada/imposição da Ciência da Informação a partir da infraestrutura aberta décadas antes pela Biblioteconomia. No âmbito da informação científica e tecnológica no país, Pinheiro e Loureiro (2005) listaram mais de vinte eventos principais nessa área, o que nos remete ao pensamento acertado de Barroso (1973, p. 1) de que as bibliotecas públicas foram limadas de um dos principais eventos da época, o que levou à seguinte reflexão: “interdependência ou morte da Biblioteconomia”.

Em síntese, entendemos que o conceito de Biblioteconomia não é apresentado ao leitor, ele é uma construção feita pelo próprio leitor. Neste momento, a Biblioteconomia em formação científica está intimamente vinculada à figura do livro, da biblioteca e do bibliotecário, este último com um papel e responsabilidade social que encontram ecos nos discursos. Há, portanto, uma busca por construir esses espaços na sociedade, desde as bibliotecas escolares, passando pelas públicas, pelas universitárias, pelos centros de documentação e pela biblioteca nacional.

Os bibliotecários, que alguns autores chamam de agentes sociais, sinalizam a dimensão cultural desse profissional, que ainda carecia de uma formação mais sólida no cenário brasileiro.

Consideramos que outras décadas e outros periódicos que versam sobre a Biblioteconomia merecem ser mobilizados em futuras pesquisas. A análise dos discursos da Biblioteconomia é um caminho profícuo para se compreender a construção do pensamento desse campo científico, que carece de mais estudos a seu respeito sobre a dimensão epistemológica, visando entender bem mais o percurso de sua institucionalização e consolidação no contexto brasileiro.

Referências

ABBAGNANO, Nicolau. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARDUINI, Silvana; PERROTTI, Edmir. Entre correspondências e representações: a constituição da Biblioteconomia modernista no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 30-35, set. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, M. A. Interdependência ou morte da Biblioteconomia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 2, 1973.

CUNHA, L. G. C. Sistemas de bibliotecas e redes de informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 1, 1977.

CUNHA, M. B. da Necessidades atuais de bibliotecários no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 2, n. 1, 1974.

CUNHA, M. L. M. Controle bibliográfico universal, novo desafio às bibliotecas universitárias. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 2, 1977.

FARINAS, V. H. P. Sobre Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 2, 1973.

FERREIRA, C. N. C. Reforma de ensino e biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 2, 1977.

FIGUEIREDO, N. M. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 7, n. 1, 1979.

FONSECA, E. N. da. Ler ou não ler todos os livros. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 2, n. 1, 1974.

FONSECA; E. N. da. Seleção, sim; coleções, não! **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 3, n. 1, jan./jun. 1975.

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEMOS, A. A. B. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, 1973.
- LEMOS, A. A. B.; MACEDO, V. A. A. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 2, n. 2, 1974.
- LEMOS, A. A. B. Proposta para criação de um sistema nacional de bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 1, 1977.
- LIMA, Etelvina. A biblioteca no ensino superior. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 2, 1977.
- MARQUES, Tathiane Amaral; SALDANHA, Gustavo Silva. Saberes e fazeres em transformação: a produção do conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil a partir dos anais de eventos científicos dos anos 1970. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. esp. 45 anos, 2018.
- MIRANDA, A. B. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 1, 1978.
- MIRANDA, A. Considerações sobre o Desenvolvimento de Redes e Sistemas de Bibliotecas Públicas no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 7, n. 2, 1979.
- MONTE-MÓR, J. M. Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 1, 1977.
- PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Políticas públicas de C&T, ICT e de pós-graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil, 2005**. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/29>Acesso em: 25 set. 2021.
- RENDWANSKI, A. L.; MENONI, M. B.; NICKLAS, U. Integração da biblioteca com o laboratório de ensino. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 2, 1977.
- SANTOS, I. R. A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 2, 1973.
- SILVA, L. L.; ELIAS JUNIOR, A. C. A biblioteca pública na produção científica brasileira do campo de estudos infocomunicacionais das décadas de 1970 e de 1980: uma análise entre o texto e o contexto. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, 2020.
- SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. **Construção e constituição de uma ciência: análise bibliométrica e arqueológica do periódico Ciência da Informação**. 503 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- SOUZA, F. B. O desenvolvimento das bibliotecas públicas e sua influência sobre a indústria editorial brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 1, 1977.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SUAIDEN, E. J. Perspectivas das bibliotecas públicas no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 1, 1978.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **Saberes científicos da Biblioteconomia em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas**. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

TARAPANOFF, Kira. A política científica e tecnológica no Brasil: o papel do IBICT. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 149-158, maio/ago. 1992.

VERRI, G. M. W.; NEVES, F. I. As bibliotecas públicas em questão. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 1, 1977.

XAVIER, Ana Laura *et al.* Percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: análise dos periódicos Ciência da Informação e Perspectivas em Ciência da Informação em 1970, 1980 e 1990. **Biblionline**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 33-46, 2019.

APÊNDICE: Artigos analisados na íntegra

ano	v.	n.	Referência completa do artigo
1973	1	1	LEMOS, A. A. B. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 1, n. 1, 1973.
1973	1	1	CAMPOS, A. O nascer de uma utopia: ainda e sempre o problema da classificação bibliográfica. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 1, n. 1, jan./jun. 1973.
1973	1	2	BARROSO, M. A. Interdependência ou morte da Biblioteconomia brasileira. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 1, n. 2, 1973.
1973	1	2	FIGUEIREDO, A. Uma introdução à Biblioteconomia comparada: sumário de pontos importantes. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 1, n. 2, 1973.
1973	1	2	FARINAS, V. H. P. Sobre Biblioteconomia. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 1, n. 2, 1973.
1973	1	2	SANTOS, I. R. A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 1, n. 2, 1973.
1974	2	1	CUNHA, M. B. Necessidades atuais de bibliotecários no Brasil. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 2, n. 1, 1974.
1974	2	1	FONSECA, E. N. da. Ler ou não ler todos os livros. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 2, n. 1, 1974.
1974	2	1	BOTELHO, T. M.G. A Documentação como sistema. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 2, n. 1, jan./jun. 1974.
1974	2	2	FIGUEIREDO, N. M. Evolução e avaliação do serviço de referência. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 2, n. 2, 1974.
1974	2	2	LEMOS, A. A. B.; MACEDO, V. A. A. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 2, n. 2, 1974.

1975	3	1	FONSECA; E. N. da. Seleção, sim; coleções, não! <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 3, n. 1, jan./jun. 1975.
1977	5	1	VERRI, G. M. W.; NEVES, F. I. As bibliotecas públicas em questão. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 1, 1977.
1977	5	1	LEMOS, A. A. B. Proposta para criação de um sistema nacional de bibliotecas públicas. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 1, 1977.
1977	5	1	SOUZA, F. B. O desenvolvimento das bibliotecas públicas e sua influência sobre a indústria editorial brasileira. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 1, 1977.
1977	5	1	CUNHA, L. G. C. Sistemas de bibliotecas e redes de informação. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 1, 1977.
1977	5	1	MONTE-MÓR, J. M. Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 1, 1977.
1977	5	2	LIMA, L. O. O livro como instrumento civilizatório. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 2, 1977.
1977	5	2	FERREIRA, C. N. C. Reforma de ensino e biblioteca. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 2, 1977.
1977	5	2	LIMA, E. A biblioteca no ensino superior. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 2, 1977.
1977	5	2	CUNHA, M. L. M. Controle bibliográfico universal, novo desafio às bibliotecas universitárias. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 2, 1977.
1977	5	2	RENDWANSKI, A. L.; MENONI, M. B.; NICKLAS, U. Integração da biblioteca com o laboratório de ensino. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 5, n. 2, 1977.
1978	6	1	SUAIDEN, E. J. Perspectivas das bibliotecas públicas no Brasil. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 6, n. 1, 1978.
1978	6	1	MIRANDA, A. B. A missão da biblioteca pública no Brasil. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 6, n. 1, 1978.
1978	6	2	LONGO, R.M. J. Disseminação Seletiva da Informação (SDI): "estado da arte" e tendências futuras. <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v. 6, n. 2, jul./dez. 1978.
1979	7	1	FIGUEIREDO, N. M. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 7, n. 1, 1979.
1979	7	2	MIRANDA, A. Considerações sobre o Desenvolvimento de Redes e Sistemas de Bibliotecas Públicas no Brasil. <i>Revista de Biblioteconomia de Brasília</i> , v. 7, n. 2, 1979.

Fonte: Dados da pesquisa.